

Desorganização é ponto mais criticado

Olavo Calheiros (PRN-AL), o irmão de Renan Calheiros, também está decepcionado. Ele constatou que os trabalhos legislativos, os acordos e as grandes decisões são tomadas por um grupo limitado de parlamentares. "Temos que mudar isso. Só uns 20 decidem e fazem tudo praticamente sozinhos", reclamava, desconsolado, enquanto na quinta-feira o plenário aprovava uma emenda do deputado Nélson Marquezelli (PTB-SP) que representou um golpe no Governo. Pela emenda, as dívidas de crédito rural podiam ser pagas com cruzados bloqueados. E Nélson Marquezelli, naquele mesmo dia, aparecia sorridente junto com outros 12 deputados, ao lado do presidente Fernando Collor, como um dos integrantes da bancada do **Bateu-Levou**.

Olavo Calheiros não gostou também de uma ameaça do presidente Mauro Benevides, de esvaziar as galerias. "Esta gente está aqui para avaliar o trabalho que fazemos. Temos que deixá-los assistir a tudo". Ele tinha outras queixas: "A coisa é também muito desorganiza-

da. Perdemos mais de três horas para discutir apenas o encaminhamento de votações. Não aceito também este sistema de levantar os braços, que não avalia nada. As votações todas teriam que ser nominais". Calheiros acha que a concentração de poder nas lideranças vicia o trabalho legislativo e provoca distorções.

BANCADA DO SARNEY

Roseana Sarney (PFL-MA) está no grupo que procura ouvir e prestar atenção ao máximo de coisas antes de sair em campo. Ela senta-se atrás, junto com a "bancada de Sarney", formada entre outros pelos ex-ministros José Reinaldo, Vicente Fialho, o ainda senador Edisson Lobão, Sarney Filho e Ricardo Murad, todos do Maranhão. "Estou gostando muito da experiência e do que estou vendo. Não concordo que a maioria seja marginalizada do trabalho legislativo. Nós, do PFL, por exemplo, discutimos até demais as medidas provisórias, internamente", explicava. Ela acha que a

queixa generalizada de que os acordos de liderança deixam de fora a maioria dos parlamentares em pouco tempo vai perder a razão de ser. "Noto uma vontade enorme em todo mundo de participar e influir nas decisões e isso deve melhorar este quadro", avalia.

BRIZOLA

O filho mais velho do governador eleito do Rio, José Vicente Brizola (PDT-RJ), acha que não tem muito o que aprender. "Já tenho alguma experiência política", diz, confiante. Ele tem apenas uma queixa: "Os microfones são mal colocados ali na frente do plenário, e fica aquele tumulto todo em volta, o que atrapalha os oradores e até a Mesa de organizar os debates". Antes de eleger-se deputado, José Vicente era músico, e para assessor contratou J. Pingo, um folclórico personagem de Brasília, irmão do ator Paulo César Peréio, que sempre tenta sem sucesso eleger-se deputado. A dupla provoca muitas brincadeiras na Câmara.